

BECKY ALBERTALLI
AISHA SAEED



SIM



NÃO



QUEM

SABE



BECKY ALBERTALLI
AISHA SAEED

SIM
NÃO
QUEM
SABE

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2020 Becky Albertalli e Aisha Saeed
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
em quaisquer formas ou meios sem a permissão da editora.

TÍTULO ORIGINAL
Yes, No, Maybe So

PREPARAÇÃO
Júlia Ribeiro

REVISÃO
Marcela Ramos

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Julio Moreira sobre arte de Chris Kwon e Alison Donalby

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Soumbal Qureshi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A289s

Albertalli, Becky, 1982-

Sim, não, quem sabe / Becky Albertalli, Aisha Saeed ; tradução Viviane
Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
368 p. ; 21 cm.

Tradução de : Yes, no, maybe so
ISBN 978-65-5560-120-6

I. Ficção americana. I. Saeed, Aisha. II. Diniz, Viviane. III. Título.

20-67941

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



JAMIE

— LARANJAS NÃO TÊM MAMILOS — diz Sophie.

Paro nosso carrinho em frente ao balcão com frutas empilhadas em formato de pirâmide, ignorando-a solenemente. Digamos que parte de mim não quer discutir mamilos com minha irmã de doze anos na seção de hortifrúti da Target. E essa parte de mim... sou eu inteiro.

— São tangelos — acrescenta Sophie. — *Tangelos* têm...

— Bom para os tangelos. — Arranco um saco plástico do rolo.

— Olha, quanto mais rápido pegarmos tudo, mais rápido poderemos ir embora.

Isso não é um insulto à Target. De forma alguma. A Target é incrível. É como se fosse meu paraíso pessoal. Mas é difícil sentir a vibe de *tudo pode acontecer* dessas grandes lojas de departamentos quando estou aqui cumprindo ordens do meu primo. Gabe é gerente-assistente de uma campanha para a eleição suplementar em nosso distrito e parece ter sempre alguma tarefa aleatória para mim e para Sophie. Hoje de manhã, ele nos mandou uma mensagem com uma lista de lanches para seus voluntários: *laranjas, uvas, chocolate, bagels de pizza, barrinhas de cereais, garrafas de água. NADA DE MAÇÃS. NEM PRETZELS.* Tudo em letra

maiúscula, bem ao estilo Gabe. Aparentemente, comidas crocantes e campanhas telefônicas não se misturam.

— Ainda acho que parecem mamilos — murmura Sophie enquanto me preparo para pegar alguns tangelos no alto da pirâmide.

Gosto dos que têm uma cor tão viva que parecem editados no Photoshop, como se a cor tivesse sido saturada. Pegó mais algumas frutas, porque Gabe está esperando pelo menos dez voluntários esta noite.

— Aliás, por que ele quer laranjas? — pergunta Sophie. — Tipo, por que escolher a fruta que faz mais sujeira?

— Para prevenir o escorbuto... — começo a dizer, mas neste momento duas garotas entram pelas portas automáticas e perco completamente a linha de raciocínio.

Olha, eu não sou o tipo de cara que não consegue agir como uma pessoa normal quando uma garota bonita passa por mim. Para começar, isso daria a entender que consigo agir como uma pessoa normal em outras situações. Além disso, não tem a ver com a beleza delas.

Quer dizer, elas *são* bonitas. Mais ou menos da minha idade, vestidas com agasalhos de zíper e calça jeans, prontas para o ar-condicionado no verão da Geórgia. A mais baixa — branca, com óculos de armação quadrada e cabelo castanho cacheado — gesticula enfaticamente enquanto se aproxima dos carrinhos. Mas é a amiga dela que chama minha atenção. Parece ser do Sul da Ásia, acho, e tem grandes olhos castanhos e cabelo escuro ondulado. Ela balança a cabeça e ri de algo que a outra diz.

Tem algo muito familiar nela. Juro que já a vi antes.

De repente, ela ergue o olhar, como se sentisse que estou observando.

E meu cérebro trava.

Tá. Tá bem. É isso mesmo. Ela com certeza está olhando para mim.

Meu amigo Drew saberia o que fazer nesta situação. Contato visual com uma garota bonita. Uma garota que tenho quase certe-

za de que conheço de algum lugar, o que significa que já existe um assunto para puxar conversa. E estamos na Target, a definição da minha zona de conforto. Se é que existe zona de conforto quando há garotas bonitas envolvidas na história.

Cara, só fala com ela. Eu juro por Deus que não é tão difícil. Me pergunto quantas vezes Drew já disse isso para mim. Contato visual. Queixo erguido. Sorria. Aproxime-se.

— Ok, sr. Olhar Apaixonado. — Sophie me cutuca. — Não sei para qual garota você está olhando.

Me viro depressa para o balcão de tangelos, minhas bochechas ardendo, e pego um da base da pirâmide.

E então tudo desmorona.

Primeiro, a pirâmide treme e, em seguida, ouço o *tum, tum, tum* dos tangelos caindo no chão. Olho para Sophie, que cobre a boca com as mãos e me encara, perplexa. *Todo mundo* me encara. Uma mãe empurrando o carrinho de bebê. O atendente da padaria. Uma criança até para de fazer birra perto das prateleiras de biscoito.

As duas meninas estão bem na linha de frente, é claro. E ficam paralisadas, perto do carrinho, com a mesma expressão de “eita”.

Tum, tum, tum. E mais uma vez. Sem pausa.

E...

Tum.

O último tangelo cai.

— Eu sou...

— Um personagem de desenho animado — completa Sophie.

— Tá bem. Certo. Eu consigo resolver isso. — Me agacho e começo a passar os tangelos para Sophie. — Pega esses daqui.

Coloco mais alguns na curva do meu braço e tento me levantar, mas deixo cair vários antes mesmo de conseguir ficar de pé.

— Droga.

Eu me abaixo novamente para pegá-los, fazendo com que mais alguns caiam e rolem em direção ao balcão das maçãs — algo que não se esperaria de tangelos. Os mamilos não deveriam impedi-los de rolar? Engatinho até o balcão de maçãs, torcendo para

que nenhum tenha rolado para muito longe, quando ouço alguém pigarrear em alto e bom som.

— Muito bem, meu caro, é melhor você ficar longe das maçãs.

Olho para cima e vejo um cara arrumadinho com uma camisa polo vermelha e um crachá da Target. *Kevin*.

Desajeitado, eu me levanto, esmagando um tangelo sem querer.

— Sinto muito! Me desculpe.

— Ei, Jamie, olha para cá — chama Sophie. Ela está com o celular na mão.

— Você está me filmando?

— Só um Boomerang rapidinho — diz ela. Então se vira para Kevin, o funcionário. — Esse é meu irmão, Mão-furada von Desastradowitz.

— Vou ajudar a arrumar tudo — falo, envergonhado.

— Não precisa. Eu cuido disso — responde Kevin.

Sophie encara o celular.

— Como faço para mandar um vídeo para o BuzzFeed?

Pelo canto do olho, noto um movimento: as garotas de agasalho entrando rapidamente num corredor lateral.

Indo para bem longe de mim, imagino.

Não as culpo nem um pouco.

Vinte minutos depois, Sophie e eu estacionamos em frente à sede da campanha de Jordan Rossum para senador estadual — em outras palavras, o anexo lateral da Fawkes and Horntail, uma livraria new age na estrada Roswell. Não está exatamente à altura do prédio do Capitólio do Estado da Geórgia, nem do edifício Coverdell do outro lado da rua, onde minha mãe trabalha para o senador Jim Mathews, do Trigésimo Terceiro Distrito. Todo o complexo do Capitólio estadual parece saído direto de Washington, com colunas, sacadas e gigantescas janelas em arco. Há equipes de segurança nas entradas, como em um aeroporto, e o interior é cheio de portas pesadas de madeira, pessoas de terno e grupos de crianças agitadas em passeios de escola.

E tem aqueles banheiros reluzentes do edifício Coverdell.

Eu sei *tudo* sobre aqueles banheiros.

Mas nada sobre ternos ou equipes de segurança na Fawkes and Horntail. Vou direto para a porta lateral, carregando umas vinte garrafas de água, enquanto Sophie entra atrás de mim, equilibrando as sacolas com os lanches. Estamos tão acostumados a vir aqui que nem batemos antes de entrar.

— Olá, bagels — cumprimenta Hannah, a coordenadora de campo assistente.

Ela está se referindo a nós, não aos lanches. Tem uma loja de bagels em Atlanta chamada Goldberg's e, como nos chamamos Jamie e Sophie Goldberg, às vezes as pessoas... pois é. Mas Hannah é legal, então nem ligo. Ela está indo para o terceiro ano na universidade Spelman, mas decidiu passar um tempo com a mãe este verão, só para ficar perto da sede da campanha.

A mesa dela está cheia de folhetos para distribuição porta a porta. Gabe os apelidou de *ingressos de maratona*.

— Isso é para a campanha telefônica de hoje à noite? — pergunta Hannah — Vocês são a melhor equipe de lanche de todos os tempos.

— Fiz praticamente tudo sozinha — anuncia Sophie, entregando as sacolas para ela. — Sou tipo a capitã da equipe de lanches.

Hannah, que já atravessou metade da sala com a comida, olha para trás e ri.

— Tirando a parte que fui eu que dirigi, empurrei o carrinho, carreguei toda a água... — resmungo.

— Mas a ideia foi minha. — Sophie me cutuca com o cotovelo e abre um sorriso enorme.

— Nossa mãe nos obrigou.

— Ok, mas sou a pessoa que *não* derrubou todos os tangelos do balcão.

Hannah volta para sua mesa.

— Ei, vocês vão aparecer amanhã à noite, não é?

— Ah, pode apostar — responde Sophie. — Estaremos lá, com certeza.

Nossa mãe não tem nos deixado faltar a nenhum evento de campanha do Rossum. Que sorte a nossa. É sempre a mesma coisa: gente circulando com copos de plástico, olhando no fundo dos seus olhos e forçando intimidade. Eu, esquecendo o nome das pessoas logo depois de se apresentarem. E, quando Rossum enfim chega, todo mundo fica superagitado. As pessoas riem mais alto, viram quando ele passa, aproximam-se para pedir selfies. Rossum sempre parece meio espantado com aquilo tudo. Não de um jeito ruim, mas de um jeito tipo “quem, eu?”. É a primeira vez que ele se candidata, então imagino que não esteja mesmo acostumado com toda essa atenção.

Mas o negócio é que Rossum é incrível com as pessoas. Quer dizer, as pautas dele são ótimas também — ele é superprogressista e vive falando em aumentar o salário mínimo. Mas boa parte do encanto se deve à maneira como fala. Ele consegue provocar arrepios, despertar sorrisos ou então fazer você se sentir firme e determinado. Sempre penso nas pessoas que mudaram o mundo com suas palavras. Patrick Henry, Sojourner Truth, John F. Kennedy, Martin Luther King. Sei que Rossum é só um cara concorrendo ao senado estadual. Mas ele faz tudo parecer grandioso. Faz esta eleição parecer um *momento único*, um novo marco na linha do tempo da Geórgia. Faz parecer que estamos presenciando uma mudança histórica.

Não consigo nem imaginar como é ser capaz de fazer isso.

O evento de amanhã é um jantar inter-religioso numa mesquita local, então minha mãe está ainda mais animada do que de costume. Não somos os judeus mais praticantes do mundo, mas ela adora essa coisa de construir uma comunidade religiosa.

— Vai ser divertido — diz Hannah, abrindo o laptop. Então para de repente e olha de novo para a gente. — Ah, vocês precisam de reembolso pelos lanches, não é? Vou chamar o Gabe, ele está na sala VIP.

A sala VIP é um almoxarifado.

Hannah sai de lá instantes depois, seguida por Gabe, que está usando uma camisa azul de botão impecável e um adesivo com a foto de Rossum colado no peito. Às vezes as pessoas dizem que eu e Sophie somos parecidos com Gabe, já que ele é alto, tem cabelo castanho e olhos em um tom esverdeado, mas seus lábios são maiores, e suas sobrancelhas, mais arqueadas, além da estranha pseudobarba que ele está sempre tentando cultivar. Sem contar que tem vinte e três anos, ou seja, seis a mais do que eu. Não consigo ver a semelhança.

Gabe junta as mãos e sorri.

— Estava me perguntando quando veria vocês por aqui.

— Estávamos aqui na segunda — retruca Sophie.

— E no domingo — acrescento.

Ele não se abala.

— Vocês estão perdendo toda a parte divertida de prospecção de votos. Deveriam se inscrever. Ou podiam aparecer para a campanha telefônica hoje à noite, que tal? Vai ser irado — conclui ele, com a voz mais aguda, erguendo as palmas das mãos como se estivesse levantando o teto.

Dou uma olhadela em Sophie, que parece meio engasgada, tentando abafar o riso.

— Então, topam? — pergunta Gabe. — Rossum precisa de vocês.

Desta vez, olho para baixo. Quero ajudar Gabe, mas não levo jeito para campanha telefônica. Colocar papéis em envelopes? Deixa comigo. Cartões-postais? Melhor ainda. Até já enviei umas mensagens de texto para fazer o que Gabe chama de comunicação “entre pares”, embora na verdade ninguém com idade suficiente para votar possa ser considerado meu par.

Mas, é claro, o que mais me desconcerta é a campanha direta. Tenho dificuldade em falar com estranhos. E não só com garotas bonitas. Mas com todo mundo. Meus pensamentos se embolam e nunca conseguem fazer uma viagem tranquila do meu cérebro

até a boca. Não sou como Sophie, que é capaz de entrar em qualquer lugar, fazer amizade com qualquer pessoa, participar de qualquer conversa. É algo que ela nem se esforça para fazer. Só é da natureza da minha irmã não ficar constrangida com nada. Por exemplo, ela peidou no ônibus da escola no quinto ano e achou superengraçado. Sentir vergonha nem passou por sua cabeça. Se fosse eu, ia querer sumir.

Talvez algumas pessoas estejam destinadas a sempre dizer a coisa errada. Ou a não dizer *nada*, porque durante metade do tempo só gaguejo, fico vermelho e mal consigo formular palavras. Mas antes disso do que a outra possibilidade... que, agora sei, envolve catarro, uma pitada de vômito e os sapatos oxford pretos do senador estadual Mathews.

Digamos que não sou o mestre da persuasão que um político gostaria de ter à frente de sua campanha. Não sou uma pessoa capaz de mudar a história.

— Não sei, não. — Balanço a cabeça. — Eu não sou...

— É facinho — diz Gabe, batendo em meu ombro. — É só seguir o roteiro. O que acha de fazer algumas ligações hoje à noite, e aí aproveitamos para separar uma região para você fazer prospecção de votos.

— Hum...

— Temos escola hebraica — diz Sophie.

— Ah, maneiro. Grande J, não sabia que você ainda estudava hebraico.

— Eu não...

Sophie olha depressa para mim, apertando os lábios, a clássica expressão de Sophie Goldberg que significa *Jamie, cala essa boca*.

— Jamie *está* estudando hebraico — afirma ela, categórica. — Ele precisa lembrar algumas coisas para me ajudar na minha parte da Haftará.

Assinto, confirmando.

— Haftará. Isso.

— Caramba — diz Gabe. — Isso que é um bom irmão.

— Ele é, sim. E eu sou uma boa irmã — responde Sophie, batendo no meu braço. — Uma irmã incrível. Boa demais para ser verdade.

Olho para ela de canto de olho.

— Você tem seus momentos — brinco.

Mas o carma sempre vem. Sophie pode ter mentido sobre a escola hebraica hoje à noite, mas, assim que entramos na cozinha, fica claro que estamos em pleno caos do planejamento do bat mitzvá. Minha mãe e minha avó estão na mesa da cozinha, com a cara enfiada nos seus respectivos notebooks — bom, essa não é a parte estranha. Minha avó está sempre aqui. Ela veio morar com a gente quando eu tinha nove anos, logo depois que o vovó morreu. E as duas estarem na frente do computador também não é estranho, já que tanto a minha mãe quanto minha avó são nerds demais. Minha mãe às vezes faz análise de dados para a campanha do senador Mathews, e, claro, minha avó é a rainha das redes sociais.

Mas o fato de minha mãe estar trabalhando de casa no meio da tarde, ainda de roupão, é preocupante. Assim como ver que Boomer, o mastim da vovó, está andando em torno da mesa, nervoso. Sem contar que a própria mesa parece um apocalipse de papéis, cheia de planilhas, amostras de centros de mesa, fitas decorativas, fichários e envelopes minúsculos. Eu diria que minhas chances de escapar da cozinha sem pelo menos uma pilha de plaquinhas de papel para dobrar são de zero por cento.

Sophie entra na conversa.

— Novas confirmações!

— Sophie, deixa a vovó abrir a planilha primeiro — diz minha mãe, esticando o braço na direção de um grande fichário. — Também preciso que você examine a planta para pensarmos na organização do espaço. Vamos passar a maior parte do tempo no salão de festas, com as mesas aqui, a pista de dança ali, e temos duas opções para o bufê. Podemos colocar na lateral, perto do...

— “Tessa Andrews tem o prazer de aceitar.” — Sophie bate o cartão alegremente na mesa. — Tá de sacanagem! Que maravilha!

— Sophie, olha essa boca — diz mamãe.

Minha irmã inclina a cabeça.

— Não acho que “sacanagem” seja palavrão.

— É uma porta de entrada para os palavrões — falo, sentando ao lado da minha mãe.

Boomer apoia a cabeça no meu colo, pedindo carinho.

— Aqui, abri a planilha — diz minha avó.

— Sophie, você está ouvindo? — pergunta minha mãe. — A outra opção é deixar o bufê na sala dos fundos. Mas não é estranho a comida ficar tão perto assim dos banheiros?

Dou de ombros.

— Pelo menos é conveniente.

— Jamie! Deixa de ser nojento — reclama Sophie.

— Ai, meu Deus, estou falando de lavar as mãos!

Mamãe massageia as têmporas.

— Gostaria de aproveitar esse espaço, já que vamos pagar por ele, mas...

— Ah! — Sophie se anima. — Que tal fazer uma sala *teen*?

— Minha mãe estreita os olhos, mas Sophie levanta um dedo. — Escuta só. É perfeito. Os adultos... todos os seus amigos, a família... vocês vão ter a celebração bonita no salão de festas, certo? E os adolescentes ficam com uma festinha menor, tranquila, na outra sala. Bem informal.

— Que bobagem! — diz minha mãe. — Por que vocês não iriam querer ficar com a família?

— Só tenho medo de nossas músicas serem um pouco demais para os mais velhos, sabe? Assim, vocês podem tocar “Shout” ou o que quer que seja aqui. — Sophie aponta para o meio do salão na planta. — E *nós* podemos tocar Travis Scott... e todo mundo fica feliz.

— Travis Scott. Não é o pai da Stormi? — pergunta minha avó.

— Não vamos fazer duas festas diferentes — declara minha mãe.

— Então por que quis saber minha opinião? — reclama Sophie. — O que eu estou fazendo aqui?

— O que *eu* estou fazendo aqui? — murmuro para Boomer, e o cachorro me encara solenemente.

Vamos ser sinceros. Minha mãe não quis que eu opinasse nem quando estávamos planejando meu próprio bar mitzvá. Não pude sequer escolher o tema. Eu queria linhas do tempo históricas. Ela me obrigou a escolher “Volta ao Mundo”, com passaportes de chocolate como lembrancinha.

Até que acabou ficando legal — de um jeito irônico, já que só estive em um país estrangeiro na vida. Meu pai mora há anos como expatriado em Utrecht, então todo verão Sophie e eu passamos algumas semanas na Holanda. Fora isso, não falamos muito com ele. É difícil explicar, mas, quando ele está fisicamente presente, ele é *presente* — tira folga quando visitamos e tudo. Mas não é de ligar ou mandar mensagem, e quase não escreve e-mails. E só voltou poucas vezes aos Estados Unidos desde o divórcio. Duvido que venha ao bat mitzvá da Sophie, principalmente por ter sido marcado tão perto das nossas férias de verão. Ele não veio ao meu, mas mandou uma caixa de autênticos *stroopwafels* holandeses de presente. Não tive coragem de contar para ele que vendem exatamente a mesma marca no supermercado Kroger.

— ... o brinde do Jamie — diz minha mãe.

Eu me estico rapidamente na cadeira, assustando Boomer.

— Meu o quê?

— Você vai fazer o brinde antes da chala na recepção. E o hamotzi, é claro.

— Não, não vou. — Sinto um calafrio.

— Ah, vamos, vai ser bom para você. — Minha mãe bagunça meu cabelo. — Será uma ótima oportunidade de treinar para falar em público, e praticamente sem estresse, não é? Vão ser só a família e os amigos da Sophie.

— Você quer que eu faça um discurso na frente de um salão cheio de pré-adolescentes?

— É tão intimidador assim? — pergunta ela. — Você vai estar no último ano do ensino médio. Eles não estão nem no primeiro.

— Que sacanagem. — Balanço a cabeça.

— Jamie, não use a porta de entrada para os palavrões — diz Sophie.

Minha avó sorri gentilmente.

— Por que você não pensa um pouco sobre isso, *bubalah*? Não são todos pré-adolescentes. Drew vai estar lá, Felipe e o namorado dele, seus primos também.

— Não. — Minha mãe coloca a mão em meu ombro. — Isso é inegociável. Jamie pode sair um pouco da zona de conforto pela Sophie. É a irmã dele!

— É, eu sou sua irmã — repete Sophie.

— Isso não é coisa de irmãos! De onde você tirou isso? Pensando bem, quem deveria fazer o brinde é você.

— A irmã da Andrea Jacob fez o brinde dela — diz Sophie. — E o irmão do Michael Gerson, e o irmão da Elsie Feinstein, se bem que ele só deve ter dito *mazel tov* e depois arrotado no microfone. Não faça isso. Ei, e se você fizesse o brinde em versos?

Dou um pulo da cadeira.

— Estou indo embora.

— Jamie, não seja dramático — repreende minha mãe. — É uma ótima oportunidade para você.

Não respondo. Nem olho para trás.

Não consigo. Sinto muito. Nada contra a Sophie. Acredite, eu adoraria ser o irmão incrível que sobe no palco e faz um brinde com doses de sentimentalismo e humor perfeitamente equilibradas. Adoraria encantar todos os amigos dela e dizer as coisas certas. Sophie com certeza merece um irmão assim. Mas só de pensar em ficar na frente de um salão lotado, tentando formar palavras sem engasgar ou ter um ataque de tosse ou atear fogo no recinto por acidente... É impossível. Isso é trabalho para algum outro Jamie, mas, infelizmente, eu sou apenas eu.

Jamie Goldberg é um dos voluntários mais dedicados na campanha democrata para as eleições locais — mas só nos bastidores. Porque, além de especialista em questões políticas, ele é especialista em passar vergonha em público. (Sério, seu brinde no bat mitzvá da irmã com certeza vai ser um desastre.) Não existe a menor chance de Jamie pedir votos de porta em porta... até encontrar Maya.

Maya Rehman está tendo o pior Ramadã de todos. Ela odeia mudanças, mas terá que enfrentar várias. Sua melhor amiga vai morar em outra cidade e vive ocupada, a viagem em família foi cancelada e agora seus pais estão se separando. Para completar, a mãe de Maya a obriga a pedir votos com um garoto desajeitado que ela mal conhece.

Bater à porta de estranhos não é nada glamoroso, mas Maya e Jamie vão descobrir que não é a pior coisa do mundo. Conforme as eleições se aproximam, os dois começam a passar cada vez mais tempo juntos. Afinal, precisam encarar projetos de lei racistas, uma avó famosa no Instagram e memes com poodles do mal. Mas o que era só uma aliança política se complica quando sentimentos entram na jogada. As chances de sucesso nas urnas e no amor parecem baixas, mas... quem sabe?

Inspiradas pela própria experiência como voluntárias de campanha nos Estados Unidos, as premiadas Becky Albertalli e Aisha Saeed constroem em *Sim, não, quem sabe* uma história engraçada, apaixonante e necessária sobre como podemos, pouco a pouco, ajudar a construir um mundo mais justo.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1024/